

ENCANTOS E DESENCANTOS DA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E ESTÁGIO EM ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Natiane Santos Ramos¹
Orientadoras: Profa. Me. Marinez José de Souza França²
Profa. Me. Maria Mavanier Assis Siquara³

O trabalho ora apresentado tem como objetivo descrever as possibilidades de construção e apropriação de conhecimentos adquiridos a partir de experiências vividas durante o desenvolvimento do projeto de Pesquisa e Estágio I dirigida ao espaço educativo não escolar⁴. A experiência foi desenvolvida na Associação de Moradores do Bairro Jardim dos Pássaros em Teixeira de Freitas-BA, especificamente na oficina de futebol com a finalidade de se trabalhar a leitura e a produção textual escrita a partir dos conteúdos que se entrecruzam ao evento mundial Copa do Mundo, evento paralelo ao tempo desse trabalho. Parte-se do pressuposto de que os sujeitos são produtores de conhecimentos e os expressam em situações mediadas pela leitura e a escrita, como socialização de saberes, de construção e organização de argumentos na produção de distintos textos espontâneos ou não. Esse texto tem por base a dialogia Freireana (2012) que considera o diálogo efetivo como possibilidade de aprendizados tanto para o educando como para o educador, uma vez que no espaço educativo não escolar os saberes construídos dentro das relações sociais comunitárias não devem ser desprezados ou ainda colocados como saber absoluto. Nesse trabalho foram fundamentais as contribuições teórico-metodológicas de Pimenta e Lima (2012), Brandão (2004), Libâneo (2002), Freire (2012) perspectiva dialógica da educação, Da Matta (1982); Gohn (2006), Gadotti (2005) e Cagliari (1989). Os resultados apontam na percepção de que no espaço não escolar aparecem limites da prática tais como: falta de formação e reconhecimento para com os educadores sociais, falta de condições de trabalho e condições de orçamento para a manutenção de projetos que acabam por se transformar em desafios constantes.

Palavras-chave: Pesquisa e Estágio I; Experiência; Espaço educativo não-escolar.

¹ Discente do V semestre do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia/DEDC-X

E-mail: naty102011@live.com

² O trabalho foi orientado pela Profa. Me. Marinez de Souza França, docente da Universidade do Estado da Bahia- UNEB /DEDCX no campo disciplinar Pesquisa e Estágio I
marinezfranca10@gmail.com

³ O trabalho foi orientado pela Profa. Me. Maria Mavanier Assis Siquara, docente da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/DEDCX no campo disciplinar Pesquisa e Estágio I
Email: mavanis@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Um Pouco De História...

Inicialmente é importante destacar e situar o espaço não escolar onde foram realizadas as atividades de Pesquisa e Estágio I pelo Departamento de Educação do Campus X-DEDCX da Universidade do Estado da Bahia- UNEB orientadas pelas docentes, Marinez José de Souza França e Maria Mavanier Assis Siquara. Trabalho desenvolvido na Associação de Moradores do Bairro Jardim dos Pássaros situado na Rua Princesa Daiana, N°245 no Bairro Kaikan Sul, em Teixeira de Freitas-BA.

Segundo informações extraídas da Entrevista com o Presidente do espaço realizada em Março de 2014, essa Associação foi criada em 13 de Abril de 1991, em uma área doada pela prefeitura, reconhecida de utilidade pública pela Lei n° 250/99, de Outubro de 1999. Tem como um dos fundadores o então presidente João Luiz Monti. A Associação se caracteriza como uma entidade não lucrativa, que visa à promoção de lazer como espaço cultural-educativo para seus associados, hoje com as oficinas: Karatê, Capoeira, Ginástica e Futebol que em sua organização diária essas oficinas acontecem em horários diferenciados de segunda a sábado. Cada oficina é coordenada por um professor, com exceção da Capoeira, nessa atuam dois professores. No quadro deicineiros apenas os professores de Capoeira e Karatê tem formação para o exercício das atividades. Essas oficinas são livres para qualquer faixa etária.

De acordo com o depoimento do presidente

A organização administrativa do espaço se compõe de um corpo diretivo que desenvolve as funções de Presidente, Vice- presidente, Secretários e Tesoureiros, que são eleitos pelos associados a cada quatro anos, podendo candidatar-se e votar apenas os associados que participam das reuniões feitas quinzenalmente. (Diário de Campo, Março de 2014)

Dentre as finalidades educativas o espaço conta ainda com parceria da Fundação Padre José Koopmans em assessoria técnica e de planejamento. No momento está em vigência o Projeto⁵: **Juventude e Cidadania: práticas esportivas de prevenção e inclusão social**, que tem como objetivo:

Fortalecer os vínculos de sociabilidade por meio das práticas esportivas, de valorização e despertamento do compromisso com a manutenção das relações interpessoais, sócio comunitária e indenitárias das crianças e adolescentes, visando contribuir com a redução das violências que permeiam os seus ambientes de formação: Escola, Família e Comunidade, no Bairro Jardim dos Pássaros. (Diário de campo, março, 2014)

⁵ Elaboração e acompanhamento pela Fundação Pe. José Koopmans

Especificamente no trabalho junto a essa Instituição destaco a importância do aprendizado do diagnóstico, a relevância de suas anotações no trabalho de Pesquisa e Estágio I. Na realização de um projeto como este é necessário que se organize o material informativo como conhecimento do local, das pessoas que lhe dão significado, das ações educativo-culturais que são parte do seu cotidiano e que de alguma maneira acabamos fazendo parte da caminhada dos seus sujeitos. Nessa perspectiva foram feitos levantamento de dados, através de observações, entrevistas, diálogos constantes dando corpo ao diagnóstico da entidade. Isso permite que o estagiário identifique o sentido das possibilidades de intervenção, o contexto dessa intervenção, de onde se deve partir e em quais condições se trabalha. Ou seja: quais as demandas nos desafiam.

Para Pimenta e Lima (2008, p. 223) “o diagnóstico não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como processo permanente de identificação de necessidades e possibilidades que permitam rever ou reafirmar as opções, uma vez que a realidade é dinâmica, viva, mutável.” Dessa forma pelo diagnóstico é possível que percebamos ou não o avanço de nossas próprias ações educativas tendo por base o planejamento, as antecipações e revisões necessárias, resultando na possibilidade de identificação dos modos de pesquisa/intervenção, sendo essa uma de suas funções. Adiante aponta as autoras (p. 226): “É necessário paciência e sensível olhar pedagógico para descobrir o que está além das aparências”, significa que carece cuidado, sutileza, crítica e ética no tratamento das informações colhidas e sua pertinente sistematização.

Vale ressaltar ainda que a rotina, concepção pedagógica e formação dos garotos e garotas atendidos pela Oficina de futebol da entidade tem sua descrição no mencionado Projeto da Fundação Pe. José Koopmans. Nesse contexto foi que desenvolvemos nosso trabalho de Pesquisa e Estágio I.

Para planejamento, organização, teorização e explicitação de conceitos mais específicos antes e durante esse trabalho de Pesquisa e Estágio foram fundamentais as contribuições Pimenta e Lima (2012); Brandão (2004); Libâneo (2002); Da Matta (1982) e a LDB 9394/96, Gohn (2006); Gadotti (2005); Libâneo (1999).

A Estrutura temática foi organizada a partir de um tema central que nomeia o artigo com uma introdução que situa o espaço não escolar, com um breve apontamento sobre sua história, em seguida os subtemas desencadeiam a discussão mais específica e, ao mesmo tempo encadeiam partes de sentido do todo textual. Por fim, apresento alguns aspectos conclusivos dessa experiência.

A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR: um diálogo em aberto

Antes de falar da especificidade da educação em espaço educativo não escolar é preciso compreender o que é educação.

A educação institucional escolar, mas também a educação não formal, aqui denominada como não escolar são parte da sociedade que a institui, suas finalidades sociais, políticas são descritas e proclamados por cada tempo político-histórico de um povo e de uma nação. É parte de um sistema de ideias, de legislações, culturas e valores ideológicos defendidos pela sociedade. Esta define os objetivos e traça políticas, finalidades e interesses pelos quais o cidadão, a cidadã são considerados educados.

A educação formal, oficial do país rege-se pela Constituição Federal, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB 9394/96 e outras normatizações estaduais e municipais, num sistema organizado que orienta todo o território nacional. No texto da Constituição Federal de 1988, o Art. 205 que dispõe sobre educação explicita que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

É possível entender que na referida Lei, além da responsabilidade do Estado diante da educação, outros atores sociais também o são, com isso passa a ter legitimidade a própria condição de o Estado ausentar-se de suas funções de provedor da educação de qualidade para todos. De modo que a educação não escolar é consentida também pela formalização prescrita, embora muitos de seus aspectos resguardem sua distinção da institucional escolar. Ou seja, ela se dá em outros espaços sociais educativos não estruturados como a escola. Daí que formações educativas emergem em distintos lugares sociais com objetivos de socialização do conhecimento, produção e de ensino aprendizagens. Para Brandão (2004, p.10) “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de cultura, em sua sociedade”.

De acordo com esse autor (2004, p. 7) “a educação está presente no dia a dia de todos e que ela se manifesta de variadas formas, por exemplo: em casa, na rua, na igreja”. Nesse sentido a educação vai além dos muros da escola, chegando às organizações não governamentais, como: templos religiosos, sindicatos, associações de bairro, praças, daí ser caracterizada como educação não-formal ou não-escolar.

Gadotti (2005) Apud La Belle (1982, p.2) define educação não-formal ou não escolar como “toda atividade educacional organizada, sistematizada, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”. A participação é optativa, acontece a partir das preferências e gostos dos sujeitos, o modo de educar consiste em organizar e trabalhar conteúdos significativos de acordo com interesses e necessidades dos participantes.

Segundo Gonh (2006) a educação não escolar é aquela que se aprende no modo de vida, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. A Lei nº 9.394/96 em seu Artigo 1º legitima essa afirmativa quando dispõe que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, [...]”.

Nessa discussão toma sentido o método que tem como partida a problematização da vida, das sugestões e necessidades do grupo, os conhecimentos são produzidos considerando os modos de agir em grupo. Gonh (2006, p. 31-32) chama a atenção de que:

O método na educação não formal nasce da problematização da vida cotidiana, os conteúdos são gerados a partir dos temas que se colocam como necessidade, desafios do grupo, ou seja, os caminhos metodológicos são construídos ou reconstruídos de acordo com os acontecimentos, considerando o ser humano como um todo.

Nessa perspectiva, abre-se então um novo espaço no debate sobre a educação e seus lugares sociais de formação ou de formações. Entende-se que novos métodos educacionais, vem se acumulando pelas experiências em novos processos de formação humana, como os das ONG’s, associações, sindicatos, igrejas, dentre outros, contribuindo assim para o debate nacional quanto à construção e produção de conhecimentos também espaços não escolares na sociedade em curso.

Para Freire (2012) o diálogo entre saberes distintos é condição objetiva fundamental para o ensino aprendizagens. Todo esforço educativo baseia-se no diálogo, na troca e nas discussões. A cultura de mundo do educando deva ser respeitada na prática curricular interagindo com o conhecimento universalmente construído pela humanidade. Para esse pensador o conhecimento sistematizado escolar ou não, são ferramentas de luta e de organização contra formas de exploração e de dominação.

Esse diálogo em (Freire, 2012) faz-nos compreender como futura professora que se faz necessário reconhecer que há uma riqueza de ideias, de saberes populares construídos e em construção nas comunidades onde os educandos são parte e que no cotidiano das instituições não escolares ou escolares são capazes de criar e recriar conhecimentos, atitudes e posições a favor da vida de qualidade.

Nessa linha de pensamento e práxis, Graciani (2001, p. 74) afirma:

Há que se possuir também uma visão crítica e criadora da prática social, ou seja, uma atitude questionadora sobre o processo, sobre as causas e sobre a dinâmica interna do processo, sempre aprofundar, ampliar e atualizar o conhecimento sobre os fatos e acontecimentos da ação educativa, para reelaborar seus elementos e interpretá-los à luz da teoria e adequá-los a novas situações e circunstâncias. A teoria e o conhecimento teórico convertem-se num instrumento da crítica nas mãos de seus protagonistas, das classes populares, e lhes permitirá agir na história, conforme seus interesses.

Assim, a atitude crítica, a formação crítico – analítica e criadora consideradas desde os primeiros anos de vida das crianças, mas também de jovens e de adultos potencializam a capacidade de pensar por si mesmos, assumindo convicções próprias, analisando os acontecimentos com categorias teóricas para interpretação e a transformação da realidade na qual vivem e da qual são sujeitos e de modo permanente. Freire (1979, p. 28) ressaltara que “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos

Historicamente e em diversas circunstâncias a educação foi definida, confundida apenas, como lugar da instituição escola, lugar de formação de cidadania de acordo com a perspectiva de Estado e de sociedade que a planejam e a organizam de modo sistêmico. Em certa medida, no imaginário das pessoas, educação e escola tem um mesmo sentido como único lugar legítimo de se pensar a educação dos indivíduos. Todavia, os espaços não escolares como lugares educativos passam a ser reconhecidos, embora seja um debate recente e em aberto.

OFICINA DE FUTEBOL E FORMAÇÃO HUMANA: uma perspectiva de educação

De acordo com Da Mata (2009) o futebol como fenômeno social hoje é visto como um meio de reverter situações de conflito e de desenvolvimento da violência, é adotado ainda como oportunidades de mudança, porquanto atrai uma grande massa popular, principalmente crianças e adolescentes. Esta prática esportiva possibilita a realização de ações pedagógicas que contribui de forma efetiva para construção do processo de cidadania.

De acordo com o pensamento do referido autor o futebol atua como um excelente instrumento de formação humana, pois o esporte aborda questões como regras, normas, disciplina, compromissos com horários pré-estabelecidos, responsabilidade com o coletivo, respeito ao companheiro, etc., as ações pedagógicas entram como um coadjuvante importante no contexto educacional, porque é através delas que estaremos trazendo questões relevantes para serem discutidas com o grupo.

Em muitos momentos durante a aplicação do Projeto tivemos a participação do professor da Oficina de futebol, ora pra ajudar a trazer a garotada para o foco de discussão ora contribuía com depoimentos que marcaram sua vida. Um de seus depoimentos dizia:

O futebol mudou minha vida, eu era um adolescente indisciplinado, desobediente, respondão, e não ouvia conselho de ninguém, dei muito trabalho para meus pais, muitas vezes fui alvo de tiro de bandidos que queriam tirar minha vida, cheguei a ser preso e até apanhei de polícia, depois que entrei para a escolinha de futebol, encontrei no esporte uma chance de mudar de vida, passei a ouvir meus pais, a andar de maneira correta, e a obedecer. (Depoimento do oficineiro, 27/05/2014)

Neste depoimento percebo a importância do futebol para aquele que o pratica, pois o mesmo possui regulamentos em que o atleta acaba internalizando que no meio social também é preciso seguir alguns princípios, para que haja equilíbrio e convívio social com dignidade e respeito aos outros, além de nós mesmos.

AS VIVÊNCIAS DE PESQUISA E ESTÁGIO: JEITOS de ler, de escrever e de pensar...

Naquela manhã (27-05-2014), primeiro dia de encontro com os garotos e garotas da “Oficina de Futebol” da Associação Jardim dos Pássaros, ninguém estava à vontade, nem o grupo de educandos, “aprendizes de futebol” em idades distintas de 7 a 14 anos e nem nós mesmas, “aprendizes de professoras”, éramos três estagiárias, trocamos olhares, boas vindas e timidamente começamos uma dinâmica de apresentação, chamada de “De mão em mão”. Inicialmente, nos organizamos numa roda de conversa e colocamos uma música (Mostra Tua Força Brasil⁶), enquanto escutávamos a música ia passando a bola, quando a música parava quem estava com a bola na mão iria se apresentar dizendo o nome, a idade e a série. Após a realização dessa dinâmica, demos continuidade ao diálogo, durante o qual foi possível perceber a turma na sua complexa multisseriação. Neste momento algumas questões deram o norte do trabalho: por que escolheram esta oficina? Quem quer ser jogador/a, por quê? Quem

⁶ . Compositor: Jair Oliveira, Intérpretes: Fernanda Katai e Paulo Miklos

tem computador em casa? Vocês conversam sobre outros assuntos, quais? Vocês moram no mesmo bairro? Quais perguntas querem nos fazer? (Diário de Campo Pesquisa e Estágio I-27.05. 2014)

A partir dessa conversa, aparentemente trivial, percebi que cada criança foi se animando e o encontro começou a fluir, alguns questionaram sobre o que seria estudado nesses encontros: “*o quê mesmo que a gente vai aprender? A gente vai falar só da Copa? A gente vai deixar de treinar futebol pra ficar aqui?*” A curiosidade era visível, as respostas, porém, foram se dando ao longo do desenvolvimento das atividades propriamente ditas. Não, a turma não ficou sem a bola, de 8h30 às 9h 30, fazíamos a oficina de leituras e produção de textos e 9h40 começava a oficina de futebol.

Dentre as distintas atividades elegi para reflexão e análise desse trabalho a atividade a seguir:

Título: “Copa 2014”: pensamento e linguagem

Objetivo: perceber o que as crianças leem, pensam e dizem sobre o evento da Copa 2014

No encontro anterior havíamos solicitado que a turma fizesse uma busca na internet sobre a copa, imprimissem textos verbais e não verbais notícias diversas sobre esse evento, o que a mídia estava divulgando, ou mesmo, que já lesse em casa e anotasse o que gostaria de trazer para compartilhar com o grupo. Foi surpreendente o material trazido pelo grupo, mais surpreendente ainda foi a euforia que envolvia toda a atividade. Foi feito um painel contendo o texto coletivo com as leituras realizadas pela garotada, frases que reafirmavam o evento de modo positivo e outras criticando o mesmo; outros desejavam era conhecer países de jogadores estrangeiros. Os educandos expressavam isso de um modo pertinente, numa linguagem objetiva e com muita clareza. O que me impressionava.

Na roda de conversa os educandos expuseram a pesquisa sobre o evento em pauta. As informações trazidas somaram-se ao que tínhamos levado para socialização, essa produção oral resultou em um texto espontâneo, que ninguém relutou em registrar os elementos da conversa, era o segundo desafio proposto. As crianças envolveram-se do início ao fim das atividades. Nos depoimentos de avaliação expressaram: “*eu gostei das coisas que nós fizemos, falamos de várias coisas quem foi o melhor time quem ganhou a Copa, porque etc*”; “*Pra mim, foi as aulas **mais melhores** que eu já vi da copa do mundo*”; “*devia ser sempre assim*”; “*é bom conversar de tudo*”. “*agente aprende mais assim*”. (Diário de campo, mês perto final da copa 2014)

Particularmente achei que pouco havia contribuído na organização do pensamento, na expressão oral das informações pesquisadas, na escrita dos textos lidos, mas os depoimentos me mostraram o contrário, percebi então, que visíveis ou não os conhecimentos estão ali, com as crianças, e se mostram de formas variadas, que é preciso reconhecê-los e partir para sistematização. Entendi ainda que existem sim, conhecimentos múltiplos acumulados por esses garotos/as que se manifestam de jeitos e maneiras diferentes do que geralmente estamos acostumados a falar sobre eles/as. No ensino do ler e do escrever penso que se precisam buscar suportes diferentes de leituras e reconhecer nos educandos suas formas de ler, de pensar e de dizer sobre o mundo que os rodeia e avançar com eles/as no desenvolvimento e apropriação de leituras e escritas como formas de comunicação no mundo em que se vive, entendendo as distintas funções sociais que o sistema de nossa língua exige.

ASPECTOS CONCLUSIVOS: encantos e desencantos

Nos caminhos desse trabalho e de seus resultados percebi o valor dessa experiência para minha formação docente e atuação de ser pedagoga à medida que ia me descobrindo em meio aos jeitos das crianças manifestarem seus jeitos de aprender e ao mesmo tempo ao me ensinar a ser professora, construindo atividades que motivasse o exercício da criatividade, da imaginação, da expressão corporal, do diálogo, num ambiente rico de possibilidades. Contribui também com novas reflexões sobre o tema em questão que continua em aberto. Possibilitou a superação de algumas ideias preconcebidas que eu desenvolvia sobre a educação não escolar. Na verdade, o que se percebe no dia a dia desses espaços é a falta de reconhecimento social desse trabalho, a necessidade também de formação específica para esses educadores sociais, orçamento condizente, dentre outras condições fundamentais a essa modalidade de educação que se faz de um modo complementar à educação escolar e com igual valor e significação para os educandos que dela participam.

Nesse trajeto também algo me incomodava, sentia a ausência da atuação do pedagogo, como um desconhecimento e a falta de valorização de seu trabalho no espaço educativo não escolar. Penso que especificamente esse profissional poderia contribuir com questionamentos e elaboração do planejamento conjunto em torno dos objetivos das oficinas e da significação que as crianças dispõem para as mesmas, afinal são seus sujeitos; desenvolveria discussões mais amplas sobre os saberes que ali se esboçam; refletiria a dimensão do reforço escolar, as concepções de educação, de mundo, de infâncias e de adolescências que orientam o trabalho cotidiano da entidade, entre outras dimensões de seu

trabalho. Em suma, a experiência foi rica e relevante para minha formação, aberta à crítica e novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Base. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Publicado no diário oficial da União, seção 1 de 23 de Dezembro de 96. Artigo 1º.
- DA MATTA, Roberto. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não formal**. Disponível em: [http://www.paulofreire.org/twiki/pub//nstitu/sub/nstitucional/203023491\]t003Ps00](http://www.paulofreire.org/twiki/pub//nstitu/sub/nstitucional/203023491]t003Ps00). 2005.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Pós-Doutorado em Sociologia, New School of University, New York. Professora Titular da UNINOVE e da UNICAMP I do CNPq. E-mail: mgohn@uol.com.br. Ensaio: aval. pol. públi., Educ., Rio de Janeiro, p. 27-38, jan/mar. 2006.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais e educação**. 6 ed. Revista – São Paulo: Cortez, 2005.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. Revisão técnica José Cerchi Fusari. 3. ed – São Paulo: Cortez, 2008.